

# A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

## DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 22 de fevereiro

### CADA VEZ PEIOR

Nas camaras a attitude dos progressistas não corresponde á do seu partido em todo o paiz, mórmente ácerca dos impostos de consumo, de que o presidente do conselho e ministro da fazenda *já não desiste*, nem á da sua imprensa, nem mesmo ás declarações anteriores do chefe e do estado maior, pelo quê, se votam com o governo, deve este acto reputar-se gracioso, pessoal, mera trica parlamentar, sem valor, nem significação politica.

Em quanto se esperava do sr. José Dias não sei que famoso plano, o qual sem recorrer nem aos impostos nem aos empréstimos havia de resolver a crise financeira, e n'essa doce esperança tinha o concurso leal dos regeneradores, podia dizer-se, que governava constitucionalmente.

Mas agora, que o plano se denuncia apenas n'uma falsa promessa, um artificio para entreter a expectativa publica, o que já foi gastar tempo n'uma situação muito grave e incompatível com demoras e arteirices, quando ninguém

do seu grupo pessoal se levanta para defendel-o, quando os regeneradores lhe retiraram o seu appoio, que seria condemnavel, se continuasse, quando a commissão de fazenda se pronunciou contra os projectos tributarios sobre o consumo, e até contra a medida que reduziu os juros, o governo sem maioria, sem indicação alguma, que lhe seja favoravel, vive assim como fóra do systema representativo.

Comtudo as suas propostas ainda não entraram em discussão, para a qual appella hoje o sr. José Dias, mas já se descobriu até ao fundo o que valem, já o vimos renunciar a uma das mais infelizes, e se agora pretende modificá-la, nem as modificações nem os debates parlamentares lhe darão o merito, que na essencia lhe falta, e os governos constitucionaes nas circumstancias do actual não esperam por mais, demittem-se. Fiado nos progressistas, que nos discursos o aggridem, e comicamente contradictorios o amparam nas votações, o sr. José Dias teima, e resiste.

Mas este appoio singular, faccioso, não póde ser uma indicação para o soberano.

Até aqui temos considera-

do a sua gerencia debaixo de duas hypotheses, uma, o ter abatido o *deficit* de 15 a 5 mil contos—e outra—o renunciar aos impostos de consumo, como declarou, porém ambas falharam.

Em quanto á redução dos juros, a medida, com que mais se abona, sempre a desapprovamos. Antes do seu decreto, porém, já annunciada, n'outro jornal d'este districto, accusamos esse acto de contraproducente: 1.º porque d'elle havia de resultar maior baixa nos fundos, e assim o sr. José Dias não só tirava aos credores nacionaes trinta por cento *nos juros*, o que era uma contribuição irregular e excessiva, mas obrigava-os a perder *no capital* muito mais do que deixavam de receber os credores externos; 2.º *porque tambem os capitales fluctuantes passariam as fronteiras*—(e esta foi a expressão de que lá nos servimos).

Assim succedeu, mas ainda então não presumiamos, quanto os factos viriam justificar o nosso aviso.

Ambicionando á força a gloria d'equilibrar a receita com a despeza, o sr. José Dias, enlevado nos seus projectos, sem prever os seus efeitos negativos, prejudicou

enormemente a solução da crise.

Com a fuga dos capitales manteve-se o premio do ouro, e não só as transacções commerciaes soffreram, mas aggravou-se a situação financeira de um modo, que hade tolher por muito tempo o poder-se melhora-la.

Basta dizer-se, que se calcula o ser absorvido pelo premio do ouro tudo o que renderem os novos impostos!!

Na verdade, a precisarmos de moeda, e os capitales a fugirem, e levar-nos a medida, que os fez emigrar muito mais do que obtemos por ella, é o contrasenso mais ridiculo, e mais funesto, em que podia cahir um ministro da fazenda.

Na impossibilidade, em que se ficou de restabelecer a circulação metallica, vemos a maior das infelicidades oriundas dos cegos e ousados golpes do sr. presidente do conselho.

Veja-se bem, como os seus actos nos forçam aquillo mesmo, que pretendiam evitar, a recorrermos aos empréstimos, afim de pagarmos os nossos encargos, que exigem ouro, e de que a moeda circule nas transacções interiores.

Foi peor a emenda que o

soneto. Quem não olhará com lastima para o paiz, e para o governo!

*Lourenço d'Almeida e Medeiros.*

## CONFRONTOS

VI

Damos a palavra ao sr. Fragateiro, ex-regenerador:

—«O partido regenerador d'este concelho deve affastar-se por completo do systema dos seus adversarios: deve continuar na senda que vae trilhando.

D'esse modo terminará de vez com a opposição, deixando apenas a espernear na lama os Cargas nojentos.»

(*Povo d'Ovar* de 9 de fevereiro de 1890.)

Ainda sua ex.ª:

«—*Estrumada*.—O monte municipal vae de foz em fóra. Os pinheiros desaparecem a olhos vistos. D'onde em onde abrem-se grandes clareiras e em parte a Estrumada está completamente despovoada de arvores. Quem tem a culpa d'isto? Não são por certo os que roubam.

Elles foram ensinados por aquelles que mais tarde se sentaram nas cadeiras municipaes. Disseram-lhes que a Estrumada era d'elles: que por isso podiam roubar á vontade.»

## Folhetim da Folha d'Ovar

### ADEUS

Chega a hora, o momento fadado é forçoso deixar-te e partir.

*S. de Passos.*

Oh! terra só d'amor! oh! patria minha, querida, tão sempre revestida com teus vergeis em flor; deixo-te, patria bella, enlevo de toda a hora deixo-te, mas embora, guardar-te-hei amor.

Adeus triste San Gens, que breve eu vou deixar! adeus saudoso lar da casa onde eu nasci! adeus, oh! minha mãe, adeus familia minha, adeus, aldeiasinha onde a amar eu aprendi!

Paço, adeus! adeus Penedo, adeus Laja, adeus Fornellos Ai! que logares tão bellos o destino faz deixar; ir-me-hei assim, proscripto, semi-louco, semi-morto vagueando sem conforto, até a vida terminar.

Adeus! vós compatriotas que gosaeis do lar gasalho, adeus! irmãos do trabalho que em San Gens agora 'staes, são bem fundas na minh'alma as lembranças saudosas, mas, foi-se o tempo das rosas... abril não volta mais.

Adeus, Córvo, vou-me embora! Adeus logar das Moitinhas onde todas as tardinhas eu ia de amores saber... Tudo morre, ai! Adeus Mirão malfadado, tu, ó povo desgraçado, principio do meu soffrer.

E tu, ó Massas, não deitas por teu vate eterno luto?! vejo-te o rosto enxuto, e ainda em cima te ris... Levo de tí saudades, mas bem sei que és povo trêdo, que morrerás em enrêdo a minh'alma bem m'ó diz.

Oh! além eu antevejo as brancas casas d'um povo: é Sinfães um mundo novo, de alegrias metade, que me deu risos de morte, que me deu d'amores um cento, mas-o destino cruento só me deixou a saudade.

Banhos d'Arêgos, adeus! que vos tome quem quizer ou quem desejar soffrer; mas que seja eu, mais, não: só servis para tolhidos de rheumatismo de neve ou para quem jámais teve, alma, vida e coração.

Que cordilheira medonha! Que serra tão elevada! Que horrorosa jornada soffre alli o viandante! Ahi ficam as Quintans, fica alli Campos a meio, Marelha de horrores cheio, Campello... lá ao diante.

Campello! que bellos dias só d'amor, só de ventura e eu sem sentir a amargura que agora sobre mim pesa; mergulhado em prazeres, em amores, em alegria e, parvo, nem sequer via que a alma ficava presa.

Adeus tudo, tudo, tudo, que outr'ora foi meu encanto! Ai! não corras mais meu pranto, não me mates saudade... Eu não morrerei sem voltar se assim m'ajudar a sorte, pois eu odeio de morte essa maldita cidade.

*M. Legnar.*

Notem os leitores, o politico que assim fallava em 1890, é progressista e vereador do municipio.

Avalie-se por aqui o seu caracter, vergonha e sentimentos!

No Povo d'Ovar de 17 de fevereiro de 1889 deparamos com a seguinte noticia:

—«Ha dias, quando no tribunal d'esta villa se julgava um processo crime de menos importancia, mas a que por mero acaso tinha assistido grande numero de pessoas, um dos espectadores disse: *parece que estou assistindo á audiencia do julgamento do assassino do Zaréco.*

Um outro espectador que estava ao lado d'aquelle, testemunhou-o immediatamente nos seguintes termos:—*sejam muito boas testemunhas de que aquelle sujeito me chamou assassino do Zaréco.*

Como se vê, o primeiro não tinha accusado ninguem do assassinato. Porque seria que o segundo enfiou logo na cabeça a carapuça que ninguem lhe tinha talhado e tomado prova?

Ainda ha quem diga que não ha remorsos! ainda ha quem diga que a consciencia do criminoso se não sobressalta constantemente!

E' verdade que o assassinato de Domingos Marques Zaréco, traçoiramente morto em uma encruzilhada, quando da rua do Bajunco se dirigia, socegadamente, para a sua casa, ainda está impune, e o assassino passeia livremente escudado pelo medo ou pelo favor.»

Pois ha favores para assassinos, sr. Fragateiro? E se os ha, quem os prestou?

Digne-se responder-nos.

Com o devido respeito, transcrevemos do jornal do sr. vereador, de 12 de janeiro de 1890, os seguintes e engraçados periodos:

—«Quando o Carga carregava para Pardilhó as lioras falsas vindas d'Elvas, era sempre pelos pinhaes que passava. Corria com a sacca a tiraço, mas então não levava companhia porque não queria testemunhas para os seus crimes, nem para em tempo algum provar a sua culpabilidade quando preso o desgraçado passador.

E assim elle escapou-se duas vezes da cadeia d'Esta-reja onde o crime de moedeiro falso o devia reter.

Hoje o negocio pôde fazer-se em maior escala, e o falsario de ha mezes e assassino de ha annos para não perder habitos antigos, percorre a cavallo os pinheiros do municipio, cercado de companhia, por cautella, finge ver os roubos dos collegas, mas não repara no roubo que fez em uma arrematação camarária, apanhando mais terreno do que o comprado.

E o falsario Carga ao passar pelos sitios mais escuros, onde a ramaria dos pinheiros deixa coar apenas a luz do dia, estremece em cima da garrana, e então verga-se ao peso dos remorsos.

E' que elle é o assassino de um visinho, o larão dos bens de sua mãe e irmã, o ratoneiro das economias dos pobres.»

Como? Esse sr. Carga era d'essas qualidades? Quem era elle, sr. Fragateiro?

Responde-nos mais esta vez como costuma: com o silencio?

Assim é preciso . . .

## PROPOSTAS

«Em escrutinio secreto (sessão camarária de 31 de janeiro) votou a camara que interinamente fossem nomeados *guarda-fiscal das mattas municipais e guarda zelador chefe dos cantoneiros municipais*, Manoel Bernardino d'Oliveira Gomes, artista, da Poça, d'esta villa, e para aquelle Manoel Antonio Lopes Junior, viuvo, artista, da mesma rua e villa.»

Não se diz quem propoz a criação d'estes dois logares, mas o que o sr. vereador Fragateiro escreve no seu Povo d'Ovar de 12 do corrente, põe a claro que a proposta foi sua d'elle, ou do seu presidente, e bem assim que a nomeação do seu primo Ramada e do seu amigo Lopes Junior, foi feita em proveito e no interesse do municipio e do seu cofre.

—Um vela pelos pinhaes municipais, outro vela pelas estradas municipais e pela execução do código de posturas municipais na villa e freguezias d'Arada e S. Vicente, e veja-se que transformação em tudo!

Nos pinhaes municipais não lhes toca, desenvolvem-se a olhos vistos, multiplicam-se as estradas municipais projectadas no cerebro do sr. vereador Fragateiro, são como os cogumellos.

Resta que o sr. vereador Fragateiro diga quanto custam ao municipio estes dois empregados, para que se não diga que isto foi o premio de consolidação para o sr. vereador Fragateiro, e para os nomeados, *que tanto soffreram e que assim se sacrificam*, consub-tanciando-se com o sr. Fragateiro, para prosperidade d'este municipio!

E ha-de dizer-nos ainda mais, por que foram nomeados interinamente, e illegalmente!

A reconstrução immediata do muro do hospital, que veda o quintal do pae do sr. vereador Fragateiro, por proposta do seu presidente, foi feita para collocar este estabelecimento de caridade na sua verdadeira altura, e castigar o desleixo das camaras transactas, que nem sollicitadas, nem ameaçadas com os tribunaes o reconstruíram.

E' o sr. vereador Fragateiro que o escreve e prova, como só o sr. Fragateiro sabe fazer, que este muro foi mandado reconstruir ha 14 annos pelo concelho de districto, concluindo o sr. vereador Fragateiro que *o seu presidente não precisava fazer proposta alguma para a sua reedificação, porque a obra estava auctorizada e mandada construir pelo antigo tribunal.*

E escreve isto o sabio vereador Fragateiro!

E não se ha-de dizer, depois d'isto, que a reconstrução immediata do muro do hospital foi mais um premio de consolidação para o sr. vereador Fragateiro?

A planta do largo do Martyr comprehendia todos os terrenos que ficam ao sul da estrada que da Estação segue para os Pellames, e bem assim

os dois pinhaes do lado do poente, n'um dos quaes já edificou o sr. Peixoto (sendo estes reservados para o alargamento do cemiterio), e chegava pelo lado do sul ao pinhal do sr. João Baptista.

Foram expropriados e pagos os terrenos pertencentes aos srs. Joaquim Ferreira, Aralla e Baptista, tendo os outros proprietarios conhecimento da planta que seria executada, ficando até por semear o terreno onde já edificou o sr. Peixoto. A estrada que vinha dos Pellames, estava classificada para seguir em direcção ás Luzes, Arruella, etc.

O terreno reservado para o alargamento do cemiterio não era de mais para a população d'esta villa, e ficava delimitado pela estrada que vinha dos Pellames.

Todos os demais terrenos formavam o largo.

Não se fizeram mais expropriações. O sr. commendador Costa começou então a edificar, e consta-nos que para o mesmo fim vendeu terreno. O sr. Peixoto faz o mesmo, e o sr. vereador Fragateiro acha tudo isto bom e bonito.

Faz mais: propõe a venda do terreno ao nascente da feira do Martyr S. Sebastião em toda a extensão que vae da estação á capella do Martyr, tendo de largura nas duas extremidades 20 metros, devendo notar-se que todo este terreno pertenceu aos srs. Ferreira e Arallas, e que consta que o seu presidente se felicita já por haver quem dê por esse terreno a 1\$500 réis o metro!

Antes da eleição era publico que havia um syndicatõ para esses terrenos, composto de pessoas muito *attachées* do sr. vereador Fragateiro, e por isso o perguntamos na Folha.

Responde-nos—*por excepção*—o sr. vereador Fragateiro no seu Povo d'Ovar de 12 do corrente, dizendo *que não sabe se ha ou não syndicatõs!!!*

Depois d'isto conclue:—«E' verdade, não nos dirá a Folha quanto é que se pagou pela expropriação dos pinhaes que pertencem ao sr. Aralla?»

Tem á mão o sr. vereador Fragateiro os elementos para saber quanto, em verdade, receberam os srs. Arallas, e não o sr. Aralla, pela expropriação dos seus terrenos. Veja-se a primeira expropriação feita para a estrada que da praça vae á estação, lhe foi paga pela camara de que fazia parte João de Castro e Bernardino Silveira, a 130 réis o metro.

Veja se depois d'isto os terrenos vendidos pelos srs. Arallas para alargamento do caminho da estação da parte do poente, e os que lhe ficaram ao nascente da linha foram vendidos para o caminho de ferro a 130 réis o metro, sendo este o preço que tambem receberam o sogro do sr. Peixoto e abbade da freguezia.

Veja se os terrenos vendidos pelos srs. Arallas á camara foram vendidos, bem como os do sr. Ferreira e Baptista, a 140 réis o metro.

Informe-se o sr. vereador Fragateiro, se houve quem offerecesse para edificações pelos terrenos dos srs. Ferreira e Arallas, preços muito superiores, e se será verdade que estes srs. se recusaram a isso.

Informe-se ainda do preço porque o sr. Antonio Silveira e outros venderam os seus terrenos para as edificações que se

fizeram ao sul da capella do Martyr.

Depois, aprenda o sr. Fragateiro a não desvirtuar e mal-sinar os actos d'aquelles que o conhecem e que o desprezam.

Penitencie-se, sr. vereador Fragateiro. Não injurie nem diffame, porque não tem auctoridade para nada.

Um mau sestro persegue-o e ha-de ser-lhe fatal. Verá.

Continuaremos.

## LITTERATURA

### Peregrinação

Ah! Ua-aah! . . . Bons dias, D. Imaginação. Então como se dormiu? Como um lyrio em cama de diamantes, hein?! Bravissimo! Toma banho? Está frio, está. Sonhou? José?! dá ordem para prepararem o almoço. Sim, homem. *Roast-beef*, costelletas a dous, ovos estrellados, fiambre, Douro velho, chá, queijo e doces. *Vite*, José, *vite*.

Mas voltemos á conversa. Com que então sonhou? E o quê, se não é indescritivo? . . . Quer piugas lavadas? Em côres; tem preferencia alguma?

Se quero ouvi?! Sou todo attenção, formosissima e vaporosa romeira.

—«Sonhei que me achava n'um paiz (Rezende sem duvida, mas muito outro, diferente e o reverso d'aquelle que hontem admirei) batido constantemente por os ventos da desgraça, da miseria, em que as habitações pela maior parte eram sujos pardieiros, os predios das repartições publicas, desgarrados e arruinados conventos, assentes desde o mais fundo dos alicerces até á superficie do sóo em montanhas de lixo e mares de vasa. Eu via por ahi, a cada canto, uma grossa gentinha de caras patibulares, sinistras, lugubres, e outra, se bem que esbelta e risonha, vivendo da vingança, da tranquillidade e socego dos mais, arrastando ao pelourinho da ignominia o nome, o credito, a honra dos seus semelhantes. Via penar estes descuidosos e innocentes. Assisti a um bom numero de falsas accusações que punham em perigo a liberdade e a vida de homens benemeritos, honrados e pacificos.

Em meio d'este revoltar incessante de odios e vinganças mesquinhas, acobertando-se á sombra da honestidade que concede a participação e a espionagem, honestidade abocanhada ou arrancada, á cunha de falsidades, aos que realmente eram honestos, viviam homens—crimes a quem não chegava a vara da justiça que nem tudo sabe, nem todo pôde ver. Finalmente, eu proprio que me ia empregando na vasa das ruas, pouco e pouco, vendo prepassar deante de mim, em hora má . . . cedo a guerra despedaçando, com todo o seu cortejo de roubos, violencias, sangue e deshonra; nas trevas a sorrir-me lugubrememente n'uma obesidade pedorasta, adulterina e incestuosa, eivava-me dos instinctos d'aquella turba e, tomando pé em corpo de mastodonte cuja cabeça fôra decapada pela ideia d'essa cáfila que, *non sancta*, vê crimes na mais recta conducta e na maior simplicidade, pulava, furiosa, a filar desprezado brasileiro que commetteu a imprudencia de não me socorrer com uma corda de notas, que passou dizendo que eu, *uma nobre dama*, me atolava como qualquer da ralé, quando eu queria que elle se vergasse reverente e humilde ante mim, e fui accusal-o de envenenador. . .

Depois, *horribile visus!* . . . provou-se a innocencia do accusado e

eu vi-me, entre os gritos de população famelica, esfarrapada mas justiceira, guindada, como falsaria, ao supedaneio do patibulo. . .

—Basta d'horrores, carissima; não mais. Vamos almoçar. Sem etiquetas. . . Aqui; se faz favor. . .

*Tlim, tlim, tlim.*

—«Está lá fora o Francisco Pacheco pedindo a v. ex.<sup>a</sup> a fineza de requerer á ex.<sup>ma</sup> camara a compostura urgente do caminho que do seu moitão segue para Córvo. Que está continuamente a agua do régio estravasando para o caminho, creando grandes lamaceiros e fundos charcos, impossibilitando o transito, e pondo em grave risco o physico de quem passe; e que, do Salgueiral para cima, ha apenas, hoje, um carreiro intransitavel, d'enormes e perigosissimos saltos. Que sendo este caminho a curva, *mais recta*, que une aquella povoação a esta villa, era conveniente tornal-a viavel, etc. . .»

Está bem. Diz ao Francisco que já tenho conhecimento d'isso. Que sei terem alli acontecido algumas desgraças, como foi certo acontecerem a um empregado da repartição de Fazenda e á egna do Eduardinho. E se bem me lembra, já se viu na necessidade de patinhar pelo rego, além, o pharmaceutico para se não despenhar no ribeiro, ou atascar no lameiro. Que vá descansado; que pedirei á ex.<sup>ma</sup> camara os melhoramentos indispensaveis. . .

Então, queridissima commensal, para onde dirige hoje os seus passos?

Cadão? Vinhós? Massas? Anreade? Meiomães, S. Cypriano, ou Fontoura?

Pois, porque não? Fontoura, Fontoura, Fonte Moura, Fonte da Moura. . . sim. Encantada, não digo; todavia alli ha muito d'*ensemble* theatral, dramatico-mythologico, tragico-fabuloso.

Na mente inepta de certos *quidams*, noute ou dia, geme alli sinistramente o vento; as tempestades são mais violentas que as da Thebaida, ou as do mar das Indias; os homens-feras tripudiam sobre os cadaveres das suas victimas. O ar, a agua, as arvores, triplicata mortal, são outros mananciaes d'arsenico, dactura-stramonium, morfina, acido prussico. Vivem alli, por aquelles pinheiras e sarças, regaladamente, socegadamente, lado a lado, o estrangulador indio, o assassino vulgar, o knontista africano, ajuntamento indisciplinavel e temivel de vicios, de cô-es, d'instinctos ferozes. Mas, vista a qualquer hora do dia, ou á noute quando a lua se cõa docemente e preguçosa por entre a rama verde-negra dos castanheiros, pelos olhos d'uma mente sã, d'um coração sem macula, as rabidas ventanias silenciam; os homens-lobos transformam-se em pacatos e mansos camponezes; o ar é puro; a agua espadana alvissima, leve, fresca, por entre as rochas; as arvores de magnifica sombra produzem admiraveis fructos, e a terra, sem o tom *rougeâtre* do sangue, é uma das mais fertes e bellas d'esta região. E. . .

*Tlim, tlim, tlim. . .*

—«Ex.<sup>a</sup>? Uma deputação de homens bons do campo e populares roga a v. ex.<sup>a</sup> se digne impetrar do Municipio que sejam convenientemente compostas e limpas as que-lhas d'Aldeia e da Laja.»

—Diz aos srs. deputados do povo e da lavoura que fallarei na Camara Municipal a tal fim. Vai-te.

A meu vêr, a menina, prefere ir até Arêgos? Partamos. . .

*Traz, traz. . .*

—Quem é?

—«O José dos Regatos e o Antonio Vida Alegre que vêm dizer a v. ex.<sup>a</sup> que têm os carros atolados no lamaçal em frente á porta da Maximina.»

—Que os tirem. Para irem para o Paço com os carros sem correrem

risco de empégar-se, podem conduzir-os alli pela fonte do Covello fóra.

—Mas por ahí, sr., mal cabe uma pessoa...

—Pois eu pedirei á Camara para eliminar os atoleiros.

E' tempo agora. Quer dar-me o braço? Partamos...

Augusto Maximo.

NOTICIARIO

Aos srs. assignantes

Tendo terminado o segundo semestre do nosso semanario, pedimos aos nossos assignantes, que ainda estão em divida, a firmeza de mandarem satisfazer as suas importancias no mais curto praso.

A ADMINISTRAÇÃO.

De um nosso proficiente collaborador e amigo dedicadissimo, recebemos o seguinte que gostosamente publicamos:

Á «Folha d'Ovar»

Um anno de existencia!... Milagre!

Abocanhada por linguas trapentas e invejosas, arrastada pelas ruas da *amargura* pela petulancia de certo *Povo* semsaborão e *sem-cór*, conseguiste entrar no segundo periodo da tua peregrinação n'este mundo, com folego livre e bastante, para continuares vivendo assim anchã e sadia, o que raras vezes acontece aos jornaes semanaes da nossa terra, quando deixados só a si e sem protecções que os amparem.

Agora não parará, por certo.

A tua existencia tornou-se uma necessidade. D'isso, dá sobejo testemunho o publico que te acolheu de braços abertos. D'isso tens a consciencia, porque tens cumprido fiel e denodadamente a tua missão, o que se vê pelas festas que todos te fazem.

Quem pôde dizer onde chegarás? Quem, depois de teres ultrapassado a epocha dos perigos, poderá dizer onde parará?

Semelhante á *fenille* d'Arnault no caminhar constante, mas, de resto, sem zephiro ou nortada que te vergue, que te arraste, caminhas, consciante, pela força da tua justiça e da tua verdade.

Parabens, mil parabens!

Cumprimentos ao teu redactor-responsavel.

Á vós, collegas e collaboradores, saúde, e avante...

Festividade

Não tem lugar no domingo proximo a festividade dos Terceiros visto o estado lastimosissimo das estradas que seguem da Igreja Matriz até ás Pontes, prohibindo assim que possa sahir a procissão.

Informam-nos por isso que aquella festividade fica transferida para o domingo seguinte para dar tempo a que o pedaço mais perigoso da referida estrada seja reparado á custa da irmandade d'aquella Ordem.

«Os impostos de consumo»

Um bello artigo que sobre esta epigraphie publicamos ha tempo e que era firmado pelo sr. dr. Lourenço d'Almeida e Medeiros, vem de ser transcripto no conceituado periodico *A Tarde*, de Lisboa.

Em nome d'este distinctissimo collaborador nosso, agradecemos a transcripção.

Policia civil

Foi rendida na semana passada a força de policia civil destacada n'esta villa sob o commando do sr. Netto, policia civil n.º 20, que durante a sua permanencia n'esta, foi rigoroso no cumprimento dos deveres a seu cargo, e d'um trato lhano para com todos.

Sentimos a ausencia do sr. Netto.

Poesia

Recebemos uma assignada por um tal *Incolor* que não conhecemos e que por isso não publicamos.

Apresentado o seu verdadeiro auctor, não temos duvida em dar-lhe o destino pedido em uma carta inclusa.

Ou será o tal *Incolor* o sr. Fragateiro?!

Quem sabe.

Questão de direito—Resposta

Somos nós e não o sr. Antonio Maria Valerio quem responde ao abalisadissimo sr. Compadre, de Cabanões, isto é, á bem notada cartinha inserta no *Povo d'Ovar* de domingo, que s. ex.ª assignou apenas.

O sr. Compadre precisa de oculos porque não viu bem ou não comprehendeu a resposta ultima do sr. Valerio.

Não viu ou não comprehendeu? Digamos antes: não viram ou não comprehenderam bem os ajudantes *sagrados* e não *sagrados* (bachareis) do sr. Compadre que a resposta dada pelo sr. Valerio na quinta-feira era simplesmente o desprezo.

Essas cartas forjadas que veem no *Povo d'Ovar* nada influem para desprestigiar quem até hoje tem levado uma vida honrada e honesta, o que está povado pela opinião desapaixonada, e tanto basta.

Nada mais e já é muito, pois com taes defunctos...

Ao sr. director do correio

Queixa se o sr. José Valente, de Pereira de Vallega, da irregularidade com que recebe o nosso jornal, não o tendo até algumas vezes recebido.

Transmittimos esta queixa ao sr. director, afim de providenciar.

Annos

Passou na segunda-feira o anniversario natalicio da ex.ª sr.ª D. Roza de Araujo Sobreira, esposa do sr. dr. Sobreira.

As nossas felicitações.

Chronica dos doentes

Continua gravemente enferma a digna esposa do sr. Augusto Gomes.

Prompto restabelecimento.

Tambem tem estado incommodado o nosso querido amigo, sr. Manoel José de Pinho, residente em Lisboa.

Melhoras breves.

Acha-se incommodado o sr. Francisco Joaquim Barboza de Quadros.

Rapido restabelecimento.

Desastre

Em um dos dias da semana passada, cabiu de um dos muros que marginam a fonte do Casal um fihlo do nosso amigo, sr. José Simões Bazilio, ficando ferido grave-

mente em um pé, sendo logo levado á pharmacia do nosso amigo, sr. Manoel Joaquim, aonde recebeu os primeiros curativos.

Ainda os bailes do Carnaval

Vae já fóra do tempo esta noticia, mas assim é preciso.

Referimo-nos aos bailes dados na Salão da Camara, durante os tres dias.

Sabem os leitores quaes os seus iniciadores?

Para os que ignoram:

Coentro  
Doutores { Fragateiro  
Soares Pinto

Que lhes parece a lembrança dos tres bachareis ultimamente reconciliados politica e amigavelmente?

São uns *demos*, estes homens!

Os tres bachareis marcaram; o sr. dr. Coentro enrrouqueceu; foi o rei da sala o vice-presidente da camara (era de esperar!), e o sr. Cunha o mestre sala!

Uma pandega, não acham?

Então o salão da Camara tambem se presta para bailes?

Tivemos pena de não assistir para mais detalhadamente escrever sobre os bailes... camararios.

O sr. governador civil saberia com antecipação da brincadeira? e o sr. Alpheu? Esse tambem foi fazer o seu pé d'alferes! Ah, seu maganão!

Progredior!

CHRONICA

Penitencia

Felisberta...

Quem é Felisberta? Conheço-a desde 1889. Fiz-lhe vezes repetidas o meu pé d'alferes, sem auferir lucro de tão insano trabalho. E' elegante, medeia pelos seus vinte e dois annos, a conversação é agradável, maneiras sympathicas, olhar embriagador capaz de levar um homem ao suicidio. Nasceu em Valença, educou-se em Lisboa e vive no Porto. Physicamente fallando: é suadavel; moralmente: soffreu da cachimonia largo tempo, quando correspondia com ardor e affecto ás palavras bonitas de um guapo militar do extincto regimento de caçadores 9, um dos vencidos da revolução de 31 de janeiro.

Deixemos por emquanto a alegre e tentadora Felisberta entregue á costura, acompanhando a innocente cantiga do seu menino, como ella lhe chama—do seu canario—que está pendente na janella do segundo andar de um predio da rua dos Bragas.

Fiz troca do carnaval d'aqui pelo do Porto.

Fui feliz na troca? Fui.

«Positivamente morto o carnaval», diziam as gazetas portuenses.

Para mim, foi vivo, alegre, superior aos meus desejos.

Domingo gordo gosei theatro, segunda theatro, terça theatro e...

Eu vou contar.

Ri-me tanto com o segundo acto da opereta *O solar dos barrigas*, a ponto de sentir dôres agudissimas na minha barriga tambem. Desviei a attenção dos actores, e dirigi olhares seguidos pelos camarotes. Que vejo?—disse para mim. Pedi binoculo ao amigo da direita, apontei-o para certo camarote, de tive-me minutos n'aquella posição; sorri-me e sabi da plateia, dizendo commigo—não me enganei.

E não.

Terminou o acto, quando eu entrei em scena.

Traz... traz... traz...

—Quem é?

—Como vi a porta aberta, D. Felisberta, tomei a liberdade de a vir cumprimentar.

—Então o que é feito da sua pessoa, etc., etc., cumprimentos da praxe.

—V. ex.ª aceita-me uma carta?

—Sim...—balbuciu entre dentes, ruborisada e timidamente.

—Como o rubor é tão lindo em v. ex.ª!

E sahi.

A carta principiava:

«Felisberta, se desejas, como todos, a felicidade eterna, risca do teu primeiro nome o —berta, e acrescenta —minha; Felizminha! Espera ancioso resposta consoladora o que se assigna *Felisteu*.»

Souu uma badalada triste, vagarosa. Uma hora!

Passeava, encapotado, assassinando *brejeiros* seguidos, quando uma janella cedeu. E' ella.

Divisei um vulto e aos pés cahiu-me um bilhete.

—«O céu não se alcança ás mãos lavadas. E' necessario para o conseguir muita penitencia».

Ouvi isto e o barulho da janella que se fechava.

Dizia o bilhete:

«Serei Felisberta, enquanto não vir bem aberta a tua alma. Faz por isso para depois

Eu ser Felizminha,

E tu Felizteu!

Eu ser Julieta

E tu... o Romeu!»

Tradução: a alegre tripeira cede-me o seu amor, se eu me sacrificar muito, muito, se me der á larga penitencia.

Não vae nada, Felisberta.

Penitencia?

Triste e barata penitencia tenho eu todas ou quasi todas as semanas, escrevendo chronicas de feitiços diversos para entretenimento das leitoras e para larga critica dos *dandys* da minha terra—do *high-life* segundo.

Penitencia?

Ainda maior e mais causticante do que uma que tenho sobre a lombada—um processo crime que corre em estancia superior—por eu ter o mau gosto de encobrir as asneiras, não digo bem, as ignorancias, d'outrem! Penitencia?

Nada. Não me cuaduno com certos costumes de remotissimas eras em voga na quadra santa que principiou.

Que se penitenciem esses *criticos* de curto alcance pela inconsciencia com que apreciam os outros.

Penitenciem-nos todos, pois todos accarretamos tantos peccados quantos são os remendos das minhas calças de cutim barato com que vou ver a Deus e as pequeninas frinchas de umas luvas com dois annos de uso.

Encurtemos quanto possivel a nossa critica balofa e distituída de senso e conhecimentos, e façamos... mais penitencia para alcançarmos um lugar na Patria Celeste, amen.

Temos ou não festa no domingo?

Dizem-me que ha transferencia por causa do mau estado das estradas.

Não desesperemos. Ali o *publico* Fragateiro faz tudo... com a lingua. Esperemos portanto.

Mas é pena, é pena na realidade se a procissão dos Terceiros não sae! Deus prophetise o contrario, para meu contento e para contento de todos, das leitoras em especial.

Fazei como eu igual pedido a Deus, leitoras, mas acompanhai-o com muita penitencia.

Penitencia! Penitencia! Quem quizer que a faça. Penitente de-

mais sou eu. E' por isso que os anjos celestes me reservam um lugar.

Resae, resae muito leitoras.

Quem quer bolota trepa.

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 18 de fevereiro

Meu caro Gomes Dias:

O santinho do carnaval veio desopilar-me o figado.

Caspitel! que elle este anno veio folgasão a mais não poder ser.

Em meados do mez de janeiro principiou este figurão a rodopiar pelos salões d'esta minha terra, e o que é certo é que eu não faltei a uma chamada.

Bailes até ás 4 e 5 horas da manhã. Não imaginas, meu caro Gomes Dias, o brodio em que andei envolvido.

E aquelle santinho parece que me adivinhou o fraco.

Mal se descansava d'um baile apparecia logo outro, outro e outro.

De fórma que eu como tenho, —e isto aqui para nós muito á puridade,—um bom pé de dansa, não é para me gabar, não cheguei para as encomendas.

A pequenada nos bailes porflou em dançar commigo.

Eu se queres que te diga quasi que não me cansava em procurar dama.

Mal me levantava da cadeira, os olhares das pequenas convergiam todos em mim, e eu então não havia remedio, levava-as a eito para as contentar.

Não imaginas, Gomes Dias, a bondade d'este bello paiz.

Regressei aos patrios lares para cuidar d'uma bronchite que no Porto me apoquentou horriavelmente e, se me acreditas, affianço-te que se ella não está melhor, eu é que o não estou tambem.

Assim que retirava do baile fazia sempre protestos de me tratar e de cuidar com gravidade da bronchite, mas qual!?

Apparecia um amigo e convidava-me para um baile: na rua encontrava-me com uma dama do baile e pedia-me para que não faltasse, e em summa, encontrava-me commigo mesmo em casa, na rua, e até em sonho e convidava-mo-nos para não deixar de apparecer.

Como querias, pois, meu bom e leal amigo, que eu tivesse coragem de faltar?

Antes falte no tratamento da bronchite, não é assim?

Depois sempre ouvi dizer que uma constipação bem curada dura trinta dias, e mal curada dura trinta e um.

Farei, pois, o sacrificio de padecer mais um dia, não achas?

A bronchite que me perdôe tambem em obrigal-a a acompanhar-me mais um dia.

E se ella não fôr ingrata, até me ha-de deixar com tristeza e saudades pelos bellos bocadinhos por que a fiz passar.

Folguei, pois, e muito mas vou pagal-o agora.

O *memento homo* de quarta-feira de cinza ainda me surpreendeu em trajas de carnaval.

Em compensação d'este grande peccado em toda a epocha de quaresma portar-me-hei como um bom catholico para penitenciar-me do que fiz no carnaval.

Feita a minha profissão de fé, recebe um adeus repassado de viva saudade pelo tempo delicioso que passei, acompanhado d'um apertado abraço do

Teu do coração,  
S. Garrido.

## SECÇÃO CHARADISTICA

DECIFRAÇÕES DO N.º ANTECEDENTE

Decifração da charada:—*Sereia, Petala.*Do logogrifho:—*Portathyrso.*

LOGOGRIPO (por letras)

AO EX.º SR.

ANTONIO AUGUSTO DE BARBEDO PEREIRA DIAS

Vel-a-ha no corpo humano—1-5-11-7-4-12  
 embarcação por signal—2-9-5-6-7  
 pois faz parte do cavallo—3-8-2-12-4  
 e é moeda afinal—4-7-12-8

Vê na flora brasileira?—5-1-7-9-12  
 uma bigorna lhe dou—6-5-7-10  
 está no botão da flor—7-10-1-12  
 esta machina. Achou?—8-12-6-7

Foi mulher e foi rapaz—9-1-2-3-10  
 é madeira tome tento—10-5-1-9-12  
 e um tributo, affianço—11-5-8-2-12  
 d'aduares ajuntamento—12-4-2-7-8-5

Em rima ahí fica exposto  
 sem metro, nem lei, nem gosto  
 pois, de nada isso valia,  
 porque d'este logogrifho  
 a decifração é qual gripho  
 perfeita neologia.

Desculpai a ousadia  
 mas quero ter a alegria  
 de vêr como vós, senhor,  
 vos arranjais p'ra matar  
 e dizer sem duvidar  
 este colleccionador.

A. Mazimo.

## ANNUNCIOS JUDICIAES

## Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No domingo, 26 do corrente, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta Comarca, sito na Praça d'esta Villa, volta novamente á praça pela segunda vez, para ser arrematado por quem mais offerecer sobre o preço em que vae á praça, a propriedade abaixo mencionada, penhorada aos executados Manoel Bernardo da Costa e mulher, das Luzes, d'esta Villa, na execução hypothecaria que lhe move Affonso José Martins, casado, negociante, do Picoto, tambem d'esta villa, a saber: Uma morada de cazas terreas, com quintal e mais pertences, sita nas Luzes, d'esta Villa, de natureza allodial, que confronta do Norte e Poente com caminhos publicos, Sul e Nascente com João Huet de Bacellar, no valor de réis 135,000. Para a arrematação são citados os credores incertos.

Ovar, 20 de fevereiro de 1893.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,  
*Salgado e Carneiro.*

O escrivão,

*Frederico Ernesto Camarinha*  
Abragão. (86)

## EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Na comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este annunciio no *Diario do Governo*, citando os herdeiros Florido d'Oliveira da Vendeira, Manoel Rodrigues Serena, casados, e Manoel André Rifas, solteiro, todos residentes em Lisboa, em parte incerta, para assistirem a todos os termos do inventario de menores a que se procede por obito de seu sogro e pae Antonio André Rifas, morador, que foi, na rua das Almas, d'esta villa.

Ovar, 20 de fevereiro de 1893.

Verifiquei

O juiz de direito,

*Salgado e Carneiro,*

O escrivão,

*Eduardo Elysió Ferraz de*  
*Abreu.* (87)

## EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Por este Juizo de Direito, escrivão Sobreira, correm editos de 60 dias a contar da segunda publicação no *Diario do Governo*, citando o herdeiro Antonio Loureiro da Cruz e mulher, cujo nome se ignora, auzentes em parte incerta do Brazil, para os termos do inventario aberto por obito de sua mãe e sogra, Joaquina da Silva, solteira, moradora, que foi, em Cima de Villa d'esta freguezia, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 11 de fevereiro de 1893.

Verifiquei,

*Salgado e Carneiro.*

O escrivão,

*Antonio dos Santos Sobreira.*  
(85)

## ANNUNCIOS

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

CAIXA 100 RS.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

Francisco Antonio Lopes, com talho á entrada da rua dos Campos, participa ao respeitavel publico que abateu os preços por que vendia a carne da aba e de peito.

Assim o arratel de carne de qualquer d'estas partes, que custava 120 réis, custa agora 100 réis.

E' aproveitar.

EDITORES—BELEM &amp; C.ª—LISBOA

## A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita e a Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Paris, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados na actualidade.

A empreza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes, espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 cores. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:

—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahlirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A comissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceta-se correspondente n'esta localidade.

## NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

## CARTÕES DE VISITA

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviam-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

Largo da Pocinha 73 a 77

EMILIO PIMENTEL

## Sciencia dos Seculos

Obra illustrada, em 5 volumes

A *Sciencia dos Seculos* será distribuida, no Porto e em Lisboa, aos fasciculos de 32 paginaas, ou 24 e uma estampa, pelo modico preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a remessa será feita aos fasciculos de 64 paginaas ou 48 e duas estampas, custando cada fasciculo 100 réis, franco de porte.

Recebe-se assignaturas nas principaes livrarias do reino. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, ao editor da *Sciencia dos Seculos*, rua de D. Pedro, 184—Porto.

## CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

## Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

## Dramas, comedias e scenas-comicas

<i>Cynismo, scepticismo e crença</i> , Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição) . . . . .	300
<i>O captivo</i> , (do mesmo auctor), canção original . . . . .	50
<i>Henriqueta, a aventureira</i> , (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principaes scenas do drama . . . . .	400
<i>Os homens que riem</i> , (o mesmo auctor), comedia em 3 actos . . . . .	400
<i>Homens e feras</i> , (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos . . . . .	400
<i>Os viscondes d'Algerão</i> , (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros . . . . .	400
<i>O poder do ouro</i> , por Dias Guimarães, drama em 4 actos . . . . .	500
<i>O Condemnado</i> , (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros . . . . .	400
<i>Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores</i> , (do mesmo auctor) . . . . .	400
<i>A Judia</i> , por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos . . . . .	400
<i>Magdalena</i> , (do mesmo auctor), drama em 4 actos . . . . .	400
<i>Helena</i> , (do mesmo auctor), comedia em 5 actos . . . . .	400
<i>No palco</i> (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume . . . . .	400
<i>Dá cá os suspensorios</i> , (do mesmo auctor), comedia em um acto . . . . .	100
<i>Villão, o fugitivo da cadeia do Porto</i> , (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos . . . . .	200
<i>Ambos livres</i> , por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto . . . . .	100
<i>Os homens de bem</i> , por Antonio Correia, drama original em 5 actos . . . . .	300
<i>Tribulações d'un marido</i> , por João Coutinho Junior, scena comica original . . . . .	100

## Contos e historias diversas

<i>O verdadeiro livro de S. Cypriano</i> , traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas . . . . .	500
<i>Arte para curar bois, vaccas, borçegos, porcos, cabras e outros animaes</i> . . . . .	60
<i>Malicia e maldad das mulheres e a malicia dos homens</i> . . . . .	40
<i>Historia dos tres filios</i> , ou o gato das botas . . . . .	20
<i>O noivado do sepulchro</i> (ballada) . . . . .	20
<i>Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nossô Senhor Jesus Christo</i> , conforme a escreveram os quatro Evangelistas . . . . .	60
<i>Auto de Santa Barbara</i> , virgem e martyr, filha de Dioscoro, gentio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous deutores, Marciano, um alcaide, e um anção . . . . .	40
<i>Acto intitulado Apartamento da Alma</i> , em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima . . . . .	40
<i>Auto de Santa Catharina</i> , virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim . . . . .	40
<i>Auto do Dia de Juizo</i> , no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lecifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dáilio, um vilão, um tabellião, um carniceiro, uma regateira e um moleiro . . . . .	40
<i>Auto de Santo Aleixo</i> , filho de Eufemiano senador de Roma . . . . .	40
<i>Auto de Santo Antonio</i> , livrando seu pai do patibulo . . . . .	40
<i>O Judeu errante</i> (historia biblica) . . . . .	20

Porto—IMPRESSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77